

Aspectos do contemporâneo com vistas a pensar a produção da vida e a Educação Física

RESUMO

O presente artigo interpreta o contexto contemporâneo como de risco para a democracia. Sugere a necessidade de afirmar uma universalidade intersubjetiva e intercultural e buscar um pensamento crítico empenhado no desenvolvimento de uma cultura democrática e de uma cultura científica. Afirma uma práxis capaz de inspirar a criação de novos modos de produção da vida em sua inteireza, da educação e da Educação Física, alimentando aspectos utópicos pela riqueza das vivências e a produção de sentidos que alimentarão o mal-estar e a inconformidade social presente e futura.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura democrática;
Produção de sentidos; Sensibilidade

Paulo Evaldo Fensterseifer

Doutor em Educação
Universidade Regional do Noroeste do
Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí),
Ijuí/RS, Brasil
fenster@unijui.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4914-5281>

Aspects of the contemporary in order to think the production of life and Physical Education

ABSTRACT

The present article interprets the contemporary context as a risk to democracy. It suggests the need to affirm an intersubjective and intercultural universality and to seek a critical thinking committed to the development of a democratic culture and a scientific culture. It affirms a praxis capable of inspiring the creation of new ways of production of life in its entirety, of education and Physical Education, feeding utopian aspects through the wealth of experiences and the production of senses that will feed present and future uneasiness and social nonconformity.

KEYWORDS: Democratic culture; Production of senses; Sensitivity

Aspectos de lo contemporáneo para pensar la producción de vida y la Educación Física

RESUMEN

Este artículo interpreta el contexto contemporáneo como del riesgo para la democracia. Sugiere la necesidad de afirmar una universalidad intersubjetiva e intercultural y buscar un pensamiento crítico comprometido con el desarrollo de una cultura democrática y de una cultura científica. Afirma una praxis con capacidad de inspirar la creación de nuevos modos de producción de vida en su totalidad, de la educación y de la Educación Física, alimentando aspectos utópicos a través de la riqueza de experiencias y la producción de significados que alimentarán el malestar y el inconformismo social presente y futuro.

Palabras-clave: Cultura democrática; Producción de significados; Sensibilidad

Quem o mais profundo pensou, ama o mais vivo.
(HÖLDERLIN, *apud* HEIDEGGER, 2010, p. 120).

A vida acadêmica tem várias dimensões, umas interessantes, outras nem tanto. Entre as primeiras, está o fato de constituirmos nestes espaços muitos amigos, o que é bom, porém isso traz um problema; fica muito difícil dizer não a um convite destes amigos, por isso aceitei participar da mesa, que está na origem deste texto, com uma dupla sensação: feliz por compartilhá-la com dois amigos, mas temeroso de não dar conta da grandiosidade da responsabilidade que um evento desta envergadura significa. O Ricardo, como responsável pelo convite (e organizador), irá responder pelas reclamações. Outro é o Felipe, de quem espero que “salve a mesa” (o que se comprovou). Parabenizo seus organizadores e agradeço a oportunidade de compartilhar minhas ideias por ocasião da intervenção oral e agora sob a forma de artigo. Vamos ao tema.

Sobre a primeira parte do título desta mesa – **A conjuntura contemporânea e suas crises** – veio-me à lembrança o grande psicanalista Contardo Calligaris, o qual nos deixou no ano de 2021, fazendo uma falta enorme para nos ajudar a lidar com as complexidades do contemporâneo. Dele aprendi, entre outras coisas, dos riscos que corremos quando convidamos para falar em eventos aqueles que, previsivelmente, vão dizer o que gostamos de ouvir, e sabemos de antemão que arrancarão muitos aplausos, promovendo delírios coletivos de louvação.

Estes convites seletivos podem ser úteis, e de fato são, para momentos de “mística”, que reforçam nossas crenças de que *somos o bem lutando contra o mal*; momentos em que podemos entoar cantos catárticos e palavras de ordem como mantras de afirmação das causas que movem o movimento ao qual nos filiamos. Não necessariamente, no entanto, nos provocam a pensar, afinal, **certezas são mais facilmente reafirmadas na ausência de pensamento** (meu desejo é, então, que vocês pensem sobre o tema, pois vou apresentar o que pensei). Mostras de que certezas são mais facilmente reafirmadas na ausência de pensamento, são as denominadas “bolhas” nos grupos de *WhatsApp*, em que o repasse de mensagens é automático (seja por robôs ou por humanos robotizados) e a divergência, mesmo que mínima, soaria como heresia. Para estes grupos, valores como “lealdade e obediência”, consagrados pelos nazistas e ressuscitados por uma empresa de “saúde” (financeira?) bastante conhecida nos dias atuais (pela sua participação em experimentos que deixariam Mengele orgulhoso dos seus discípulos), são os únicos critérios.

Então, o que dizer acerca da **conjuntura contemporânea e suas crises** (ética, política, econômica, ecológica, social...) que já não soe como mantras? (Não vou me preocupar em repeti-los aqui, mas cada um de nós tem em mente uma série deles). Também não tenho pretensão de originalidade; apenas dei-me ao serviço de pensar, buscando sistematizar algumas ideias que minhas vivências e leituras me permitem (como se diz na filosofia: cada um tem o Sócrates que pode).

Uma destas ideias é de que, diante da **conjuntura contemporânea**, altamente polarizada, destilando ódios recíprocos, o que podemos chamar “campo democrático” (ou seria civilizacional?) deveria, no meu entender, **“disputar o universal”** ao invés de “bater de frente”, como se fosse apenas o polo oposto da barbárie encarnada em seus opositores. Como coloquei, esta ideia não é “original”, pois entendo que Marx, assim como Paulo Freire, a tinham em mente quando elegeram o **capital**, no caso do primeiro, ou a **opressão**, no caso do segundo, como objeto central de suas críticas, objetivando uma libertação com perspectivas de universalidade (para proletários e burgueses; para opressores e oprimidos).

Obviamente que a universalidade de que falo¹, para não ser totalitária, tem de resultar de processos intersubjetivos, interculturais, que tenham lugar para a pluralidade, para o diálogo autêntico, para uma expressão do bem comum que se dê democraticamente; um “universal frágil”,

¹ Aproveito para indicar a leitura do verbete *Universalidade*, no Dicionário Crítico de Educação Física (RICHTER; BASSANI; ALMEIDA, 2014. p. 660-663).

construído com argumentos “razoáveis”, que possam **trazer para o diálogo quem hoje não quer conversar**². Devemos lembrar que muitos destes sujeitos, em outros momentos, constituíram outros grupos hegemônicos, e, em hipótese nenhuma, trata-se de propor eliminá-los, como ouvimos (e continuamos a ouvir), com sinal trocado, da parcela mais sectária dos atuais “donos do poder”.

A posição que sustento pressupõe a construção de consensos (provisórios, obviamente), em que a maioria governa reconhecendo a legitimidade das minorias em consonância com os termos constitucionais; perspectiva que reconheço não tem a sedução de perspectivas revolucionárias e nos desafia a pensar “sem teto”, tal como propõe Adorno (2021): “Somente o pensamento poderia encontrar uma saída, mais precisamente **um pensamento para o qual não se prescreve aquilo que dele deveria resultar**”, nem “se **predetermina quem deve ter razão**” (grifos meus). Acrescenta Adorno (2021):

Quem pensa não se enfurece na crítica: o pensamento sublimou a fúria. Uma vez que **aquele que pensa não força a si mesmo, ele também não quer forçar os outros**. A felicidade que surge em seus olhos é a felicidade da **humanidade**. A tendência universal de repressão vai contra o pensamento enquanto tal. Ele é felicidade, mesmo ali onde determina a infelicidade: na medida em que a expressa. Somente assim **a felicidade penetra na infelicidade universal**. Quem não permite isto definhar não se **resignou** (grifos meus).

Outra dimensão do desafio de pensar o contemporâneo é mover-se entre o dogmatismo e o relativismo, pensando formas de objetividade do conhecimento que não se colem aos extremos, produzindo um efeito “gangorra”. (Amós Oz afirma que o problema dos fanáticos/fundamentalistas é não conseguir pensar com gradiente³).

No referido vídeo, Amós Oz chama a atenção para o fato de que, diante de problemas complexos, as pessoas desejam respostas simples. Alguns destes problemas complexos, que causam muitos dos conflitos contemporâneos de difícil equacionamento, são:

- Como tornar os ganhos tecnológicos ganhos para a humanidade? (novos bilionários x empobrecimento).
- Como conciliar a diversidade cultural e a autodeterminação dos povos com o universalismo dos direitos humanos?
- Como conciliar a dinâmica da democracia (espaço das demandas/desejos) com o republicano “bem comum”?
- A algoritmização da vida x ambiguidade da condição humana (e do mundo humano).
- A democratização dos espaços de fala x totalitarismo do controle.

Isso expõe “alguns” destes fenômenos que demandariam uma forte presença de um pensamento crítico. Como realizar, porém, a crítica na ausência de critérios (não metafísicos) que a sustentam?

Devemos reconhecer que a crítica aos fundamentalismos nos privou de fundamentos. O pensamento bipolar, 0-1, (se é que podemos chamar isso de pensamento) duramente criticado (com razões), deu lugar a um relativismo em que “todos os gatos são pardos”, criando um cenário caótico propício à emergência de um novo fundamentalismo (ou seria de novos fundamentalismos? Religiosos, morais, econômicos...).

² Em analogia com o “esconde-esconde”, alguém tem de “sair da raia”, se arriscar, se fragilizar, para abrir a possibilidade do jogo/diálogo, que não é “vencer”, mas chegar a outro lugar, a um acordo possível (quando possível) com quem também se sente desafiado a “baixar as armas” e “jogar”.

³ Ver a respeito este pequeno vídeo “Amós Oz – As duas razões para a crise universal da democracia”. *In*: https://www.youtube.com/watch?v=43YBXF8D_4k, acesso em 11 de outubro de 2021.

O reconhecimento de que regimes democráticos “não resolvem tudo”, somado a pouca visibilidade de que a democracia “faz bem aos de baixo”, cria um solo fértil para saídas autoritárias (a muito sabemos que o “quanto pior...” não produz algo melhor – nada é tão ruim que não possa piorar). Conforme Ioris (2021),

Dada “a relativa novidade dessa nova expressão de líderes autoritários, ainda não temos um consenso conceitual sobre como tratá-los. Dado sua natureza formal democrática e apelo popular, em muitas partes, hegemônico, estaríamos presenciando uma nova manifestação de um certo populismo de direita? Ou, dado seu caráter agressivo, persecutório e especialmente de alianças estratégicas com o grande capital, local ou global, seria essa uma nova manifestação da lógica fascista histórica? Difícil saber se um conceito consegue dar conta da diversidade que tal fenômeno assume ao redor do mundo. Por um lado, há uma coordenação de forças na promoção de uma agenda pro-grande capital oligopolista, embora não necessariamente nacional. E parece não haver tanta necessidade de mobilização por meio de um grande partido de massas já que esta é em grande parte substituída por mobilizações organizadas pelas mídias sociais.

Em se tratando de Brasil, um dos países mais desiguais do planeta, afirma o autor (2021):

De todo, um dos elementos centrais do que entendo ser um certo tipo de neofascismo, especialmente em países periféricos, como o Brasil, é seu papel na promoção da agenda neoliberal por meios crescentemente autoritários. Assim, além de erodir direitos e ganhos econômicos mínimos de grupos sociais menos favorecidos – por meio de reformas que reduzem direitos trabalhistas, privatizam serviços públicos, reverterem legislações ambientais, etc. – os líderes neofascistas reverterem os próprios marcos civilizatórios que foram conquistados a duras penas ao relativizarem, quando não frontalmente atacarem, os fundamentos e mecanismos operacionais da lógica democrática, como os direitos das minorias, e a livre expressão da crítica e do contraditório.

No enfrentamento deste quadro, minha aposta se dá no desenvolvimento de uma **cultura democrática** que resista às tentações autoritárias, à direita e à esquerda, de “cortar caminho”, e de uma **cultura científica**, que sirva de anteparo crítico ao charlatanismo, mas sem mistificar a ciência. Para aqueles que identificam nesta aposta a manifestação de ingenuidade diante de uma causa perdida, parafraseio Darcy Ribeiro: “detestaria estar no lugar dos que venceram.”

Orientar-se por uma perspectiva crítica implica, por um lado, que não podemos ignorar o contemporâneo; por outro, há que se perguntar: Que perspectiva temos acerca dele? Ou, como quer Agamben (2009), temos de nos questionar: O que é ser contemporâneo? Segundo esse autor, “[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”.

Se a filosofia crítica pode nos ajudar a diagnosticar o contemporâneo e suas mazelas, arriscando-se em uma meta-análise e perspectivando outros modos de produção da vida, penso que áreas como a Educação Física podem, valendo-se deste diagnóstico, operar no plano do micro, inaugurando vivencialmente (já na aula de segunda-feira) estes novos modos de produção da vida; ação que pressupõe a condição de sujeitos que se movem nos espaços/tempos que as estruturas permitem, e tencionam a própria estrutura em seus limites impeditivos.

No universo dos modos de produção da vida, cabe-nos identificar como eles têm impactado crianças e adolescentes em contextos distintos (da criança/adolescente fechado em seu quarto, olhando o mundo pela tela, à criança/adolescente que, precocemente, tem de ganhar a vida na rua). Um exemplo destas preocupações, segundo Dalbosco (2021, p. 88), é o desafio de “pensar a formação humana no contexto da sociedade digital”, valendo-se de um conceito crítico de educação. A perspectiva crítica permite, segundo o autor, por um lado, evidenciar os riscos inerentes ao mau uso da tecnologia digital e, por outro, apontar as inúmeras vantagens de seu emprego pedagógico adequado e bem-planejado. Essa postura evitaria as posições extremas da relação com a tecnologia,

ou seja, as posturas tecnófila e tecnófoba (os integrados e os apocalípticos, para usar a linguagem de Umberto Eco). Um dos riscos apontados por Dalbosco (2021) é:

b) A tecnologia digital provoca a virtualização do mundo e das relações humanas, fazendo com que se perca a base afetiva que se mostra na relação face a face. Isso põe a questão de saber o que significa o fato de as relações humanas contemporâneas assumirem cada vez mais a dimensão virtual em detrimento das relações presenciais e face a face. Moldam-se novas formas de vida que parecem dispensar a presença do outro, manifestada pelo seu olhar, pela sua fala ou até mesmo pelo seu silêncio enigmático e questionador. Como não sabemos ao certo aonde isso vai nos levar, caímos na incerteza e na mais profunda insegurança (p. 88-89).

Diante dos novos desafios que acabam incidindo nas várias dimensões da vida, entre elas a educação/EF, duas referências, creio eu, poderiam nos inspirar na criação de novos modos de produção da vida. Uma delas é da noção de crise de Arendt. Nas palavras da autora,

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. **Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos.** Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão (ARENDDT, 2002, p. 223 grifos meus).

Outra referência vem da fenomenologia, que nos incita a aguçar nossa sensibilidade aos fenômenos sem recorrer, apressadamente, a conceitos abstratos, com vistas a um enquadramento, que, embora confortador (de quem domina os objetos), nos incapacita para a emergência de novos sentidos. Essa perspectiva filosófica convoca-nos a aguçar os sentidos, tornando-nos capazes de auscultar os fenômenos no que eles podem carregar de novo, e deixando-nos aptos para o caráter de “acontecimento” dos fenômenos humanos, dos quais novos sentidos poderão emergir.

A Educação Física (EF), nas últimas décadas, promoveu uma “virada culturalista”, trazendo ganhos enormes para a compreensão dos fenômenos vinculados ao campo (agora denominados Cultura Corporal de Movimento), porém pode ter se excedido ao ponto de, se não negligenciar, ao menos secundarizar o universo sensorial, incorrendo na velha polarização que está na base da metafísica platônica entre o mundo das ideias e o mundo sensível (e suas posteriores versões).

Nos último dois anos um vírus (coronavírus, causador da Covid-19) produziu mais estragos a esta metafísica que muitos tratados de filosofia, lembrando-nos que somos corpos, natureza, portanto mortais. Aprendemos, não sem dor, que nossos combinados culturais têm poderes limitados ante as infidelidades da natureza.

Hegel (*apud* ARENDT, 2000, p. 9) indicou que “o Isto dos sentidos... não pode ser alcançado pela linguagem.” O mesmo Hegel (e não Nietzsche, como se propaga) declarou que o “sentimento subjacente à religião na Era Moderna é o sentimento: Deus está morto.” (*apud* ARENDT, 2000, p. 9). Arendt (2000) destaca que o que é diagnosticado como morto é um determinado entendimento de Deus, junto da metafísica subjacente. Segundo a autora,

O que chegou ao fim foi a distinção básica entre o sensorial e o supra-sensorial, juntamente com a noção pelo menos tão antiga quanto Parmênides de que o que quer que não seja dado aos sentidos – Deus, ou o Ser, ou os Primeiros Princípios e Causas (*archai*), ou as Ideias – é mais real, mais verdadeiro, mais significativo do que aquilo que aparece, que está não apenas *além* da percepção sensorial, mas *acima* do mundo dos sentidos. O que está “morto” não é apenas a localização de tais “verdades eternas”, mas a própria distinção (p. 10).

A pergunta é: Em que medida nós, da EF, não reproduzimos esta distinção? (agora, como somos todos críticos, com sinal trocado).

Quem mais bem entendeu essa inflexão do pensamento, segundo Arendt, foi Nietzsche, o qual, no livro *Crepúsculo dos ídolos*, em uma importante passagem poética e metafórica, escreveu:

“Abolimos o mundo verdadeiro. O que permaneceu? Talvez o mundo das aparências? Mas não! Junto com o mundo verdadeiro, abolimos também o mundo das aparências.” (apud ARENDT, 2000, p. 10-11).

Certamente a recuperação destas ideias não tem a pretensão de afirmar algo novo para muitos pesquisadores da EF, mas meu propósito é de chamar a atenção do movimento que delas podemos derivar para **os modos de produção da vida que possamos almejar (para além da simples resiliência). Destas ideias, Arendt derivou o sentido de dignidade para a política, para o pensamento (que não se confunde com o conhecer) e para o julgamento.**

A educação, entende Almeida (2010), tem se ocupado demasiadamente “com a aquisição de competências e/ou a transmissão de conhecimentos”, descuidando-se daquilo que, para Arendt, é central: “a compreensão do mundo”. Intento que não se vincula diretamente à busca de “resolução de problemas”.

Segundo Almeida (2010),

Arendt, em sua obra *A vida do espírito*, “[...] veio a constatar que conhecimento e pensamento são duas faculdades distintas. O conhecer diz respeito à busca da verdade. Os conhecimentos possuem uma validade geral e uma utilidade. A atividade cognitiva, no entanto, mostra-se limitada por ser incapaz de atribuir um significado à nossa relação com o mundo. A busca de sentido é específica do pensamento, a reflexão sobre as experiências, cujos “resultados”, porém, são “fugidios” e, muitas vezes, julgados inúteis.”

Acredito que estas ideias também possam nos inspirar na criação de novos modos de produção da vida, da educação e da EF, à medida que a aparência não é só aparência e os sentidos não são só sentidos. Chego a pensar que a EF pode alimentar aspectos utópicos pela riqueza das vivências e a produção de sentidos que alimentarão o mal-estar e a inconformidade social, presente e futura.

Pensando que se a vida humana depende que doemos sentido a ela, podemos perguntar: Quem hoje doa sentido à vida? Quem doa sentido às práticas corporais? Parece que estamos sempre, por um lado, nos havendo com instâncias heterônomas (que demandam apenas adesão), e, por outro, como ato de resistência, buscando afirmar a autonomia (me refiro àqueles que ainda ousam pensar e não abandonaram a condição de sujeitos).

Entendo (junto com Fernando González) que

A instituição escolar (como qualquer outra) preserva este lugar de sujeito ao reconhecer que carrega em si o germen de sua própria transformação, ou seja, embora uma instituição fundase e encarna um desejo de segurança, certeza, estabilidade, possui em seu interior, elementos de subversão, o que, embora paradoxal, não é contraditório, dado que **reproduzir o humano é reproduzir a capacidade humana de recriar-se** (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p. 16 grifos meus).

Estes sujeitos reconhecem que a **produção da vida é campo de disputa**. Essa disputa, que no início identifiquei como disputa pela universalidade, significa, assim a entendo, reafirmar o sentido da escola republicana (projeto nunca efetivamente realizado no Brasil) e sua atualização em novos contextos e diante de novas demandas. Juntamente, reafirmar a democracia e, na medida do possível, radicalizá-la no sentido de efetivação de suas promessas. Reafirmar o potencial universal do conceito, mas, espero ter deixado claro, também os aspectos marginalizados pela estreiteza do conceito.

O que podemos aprender do evento pandêmico, para não incorrer nos mesmos erros que o produziram, e se quisermos ser consequentes, é de que **a vida deve ser pensada em sua inteireza** (não antropocentricamente⁴) e entrelaçada com o mundo, tomado como nossa casa em sua complexidade (uma relação de pertencimento e não de dominação). Difícil? Não muito estimulante?

⁴ O “pecado” do antropocentrismo é partir ingenuamente do homem e determiná-lo como causa para, então, derivar os demais “problemas” e/ou “objetos”. Nietzsche considerou esse problema um *defeito hereditário dos filósofos* – partir do homem como uma *aeterna veritas* (verdade eterna). Daí a arrogância do conhecimento que toma o mundo, a vida, como “presa” a ser esquadrihada.

Incerto? Creio que sim. O fácil, já sabemos, é uma “crônica da morte anunciada” (para lembrar Gabriel García Márquez). Como epígrafe desta fala, usei um verso de Hölderlin, e o deixo como provocação para pensarmos o contemporâneo e os possíveis novos modos de produção da vida. Escreve ele, diante da estupefação pelo amor de Sócrates a Alcebiades: “**Quem o mais profundo pensou, ama o mais vivo**”. Vou deixar uma pista, Nietzsche, em um dos seus escritos, afirmou que **os gregos eram superficiais por profundidade**. Pensemos, tarefa de todos e todas que não se resignaram.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Resignação. Uma conferência radiofônica pronunciada em 1968. Tradução Felipe Catalani. *In: A Terra é redonda*, 13/6/2021. Disponível em:

https://aterraeredonda.com.br/resignacao/?utm_term=2021-06-13&doing_wp_cron=1623607460.1634919643402099609375. Acesso em: 16 set. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Vanessa Sievers. A distinção entre conhecer e pensar em Hannah Arendt e sua relevância para a educação. **Revista Educação e Pesquisa**, n. 36 (3), dez. 2010. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000300014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8MLXMfjFtmKLYrwSTcPBwJB/?lang=pt>. Acesso em: 8 out. 2021.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Educação e condição humana na sociedade atual: formação humana, formas de reconhecimento e intersubjetividade de grupo**. Curitiba: Appris, 2021.

GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. Entre o não mais e o ainda não: pensando saídas do não-lugar da educação física escolar. **Cadernos de Formação do RBCE**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929>. Acesso em: 2 out. 2021.

HEIDEGGER, Martin. **O que quer dizer pensar?** *In: Ensaios e Conferências*. Tradução de Gilvan Fogel. Petrópolis. Vozes. 2010.

IORIS, Rafael R. A crise da democracia liberal. *In: A Terra é redonda*, 22/9/2021. Disponível em:

https://aterraeredonda.com.br/a-crise-da-democracia-liberal-2/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=a-crise-da-democracia-liberal-2&utm_term=2021-09-23. Acesso em: 8 out. 2021.

RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José; ALMEIDA, Fernando Quintão. Universalidade. *In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor considera não haver conflitos de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC (periódicos.ufsc.br). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos Editores ou da Universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORES ASSOCIADOS DA SEÇÃO TEMÁTICA

Ricardo Rezer, Mariângela da Rosa Afonso, Inácio Crochemore

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória de Paula Duarte; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Encaminhado pelos Editores Associados em 31 de maio de 2022.